

Filosofia Africana na Poesia Afrobrasileira

Luis Carlos Ferreira dos Santos

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia

lcarlosfsantos@hotmail.com

Quando eu danço
atabaques excitados,
o meu corpo se esvaindo
em desejos de espaço,
a minha pele negra
dominando o cosmo,
envolvendo o infinito, o som
criando outros êxtases...
(SEMONG, Éle. Dançando Negro. 1996. p. 54)

Pretende-se com este artigo apresentar a cosmovisão africana e seus elementos na filosofia de matrizes africanas e a partir disso verificar seus princípios – ancestralidade, diversidade e integração – e como ocorrem suas manifestações na poesia afrobrasileira.

As poesias afrobrasileiras escolhidas para exemplificar o conhecimento e o sentir africano serão, respectivamente, *Linhagem* e *Batuque* de Carlos de Assumpção encontradas no livro *Cadernos Negros: os melhores poemas* (1998, p. 28 a 31) e a poesia *Canto dos Orixás* de Kaiámiteobó encontrada no livro *Cadernos negros, 19: Poemas afro-brasileiros* (1996, p.106).

A poesia *Linhagem* será trabalhada com o objetivo de apresentar o poder ancestral na valorização da cultura, da afirmação política e, conseqüentemente, da produção do conhecimento africano e afrodescendente. Já as outras duas poesias – *Batuque* e *Canto dos Orixás* – serão trabalhadas concomitantemente para evidenciar os elementos da diversidade e da integração.

O movimento dinâmico de culto aos ancestrais é um dos princípios que caracterizam a cosmovisão africana. A ancestralidade, para os africanos, é o que certifica a sua permanência no mundo e a firmeza política e social do seu território. Ela é a categoria que possibilita ao homem e a mulher africana a sua continuidade na

terra, porque a retirada da vida de maneira inesperada o angustia e, com isso, os ancestrais são levados à categoria de sábios da comunidade.

O princípio da ancestralidade, para os africanos em geral, possui um valor determinante porque o ancião e/ou a anciã ao deixar a terra e ir para o mundo invisível deixa um legado espiritual e um desenvolvimento para o grupo. Desse modo, o ancestral que deixou uma contribuição significativa para a comunidade é lembrado, festejado e respeitado dentro das culturas de matrizes africanas.

O valor que os africanos colocam sobre a vida, isto é, na existência, faz da ancestralidade um dos princípios da cosmovisão africana. E este valor atribuído à vida foi repassado pelos ancestrais, por esse motivo que o ancião e a anciã desejam que os seus descendentes se expandam, porque assim, eles também continuarão existindo em sua tradição. Conforme afirma Marcos Aurélio Luz:

Ao princípio da ancianidade se relaciona o valor de uma antiga e numerosa linhagem, pois nada mais horroriza o homem negro que um destino abruptamente interrompido. O valor dado à existência impulsiona-o a cuidar para que o seu destino se cumpra totalmente e a expandir sua linhagem e sua comunidade, pois serão seus filhos de sangue e irmãos mais novos de seita ou de comunidade que o representarão neste mundo após a sua morte e o cultuarão e o invocarão como ancestral. (LUZ, 2000, p.94).

Como foi dito, os africanos têm muito respeito pela existência. E a existência é concebida como um modo de ser próprio do homem. Para existir, o ser humano necessita possuir corpo e, o corpo, para os povos das culturas de matrizes africanas representa a possibilidade da permanência dos seus ancestrais. Nele a história dos seus antepassados permanece viva. De acordo com Eduardo Oliveira (2007, p.101): “A história dos ancestrais africanos permanece inscrita nos corpos dos afrodescendentes. É preciso ler o texto do corpo para vislumbrar nele a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos e afrodescendentes espalhados no planeta”. Com essa leitura compreende-se que o corpo não pode ser concebido como objeto, ele é revolução, pois através dele se tem acesso à ancestralidade.

A ancestralidade pode ser evidenciada na poesia *Linhagem*, de Assumpção. Esta resgata a imagem do líder de Palmares, Zumbi.

Linhagem

Eu sou descendente de Zumbi

Zumbi é meu pai e meu guia
Me envia mensagens do orum
Meus dentes brilham na noite escura
Afiados como o agadá de Ogum

Eu sou descendente de Zumbi
Sou bravo valente sou nobre
Os gritos aflitos do negro
Os gritos aflitos do pobre
Os gritos aflitos de todos
Os povos sofridos do mundo
No meu peito desabroçam
Em força em revolta
Me empurram pra luta me comovem

Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai e meu guia
Eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim

Eu trago os duros punhos cerrados
Cerrados como rochas
Floridos como Jardins
(ASSUMPÇÃO, Carlos de, 1998, pag.31).

A poesia *Linhagem* evidencia a atualização da cosmovisão africana na poesia afrobrasileira. A poesia apresenta as raízes ancestrais e, além disso, tem uma postura reflexiva e crítica da posição econômica e política dos afrobrasileiros.

A ancestralidade é percebida logo no nome: *Linhagem*, que pode ser sinônima de raça, genealogia, família, estirpe. O poema faz o afrobrasileiro sentir a influência da sua ascendência e o sentir é uma das características da cosmovisão africana, pois é mais ético sentir o outro do que pensá-lo. E esta poesia faz o afrodescendente cultivar um dos seus ancestrais e com isso fazer nascer em si a sua afrodescendência: “Zumbi é meu pai e meu guia”.

Portanto, a ancestralidade também é detentora do poder de politizar. Porque o afrodescendente, ao se re-conhecer como sujeito do espaço-tempo ao qual está, lutará por liberdade, como Zumbi, pois a continuidade dos valores que negam

condições socioeconômicas e existenciais ao negro no Brasil exige dos afrodescendentes uma luta de afirmação existencial.

Por isso é necessário ter os “dentes e a espada afiada”, para criar corpo e território e assim lutar por justiça. Quando trata do tema da ancestralidade pensa-se em ir ao encontro das suas origens, conscientizar-se e, desse modo, ser “bravo e valente” para realizar os projetos políticos que valorizem a vida dos afrodescendentes.

O poeta traz a lembrança de Zumbi através da musicalidade do seu poema e faz ressurgir o herói afrobrasileiro que está escondido em cada peito, por meio da ancestralidade. Porque com os gritos dos negados no peito do eu poético a vibração por luta, pela justiça, se abriu.

O ser encantado com as suas origens e conhecendo os fatos que marcaram a sua ascendência consegue re-conhecer as feridas que não cicatrizaram no corpo da sua história étnico-cultural. E, dessa maneira, se encontram politicamente com heróis palmerinos para atualizar a sua ancestralidade no seu grupo: “Eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim”. Isto é, o reconhecimento das lutas quilombolas, como a do Quilombo dos Palmares, Quilombo do Ambrósio, Quilombo do Campo Grande e vários quilombos que se espalharam em solo brasileiro na luta por igualdades de direitos na sociedade.

Uma das características do território africano é a diversidade étnica, cultural e política dos seus povos, por isso, cada povo possui o seu modo de cultuar seus ancestrais. Na tradição Nagô, por exemplo, existem três categorias (os Esa, os Egungun e as Iya-mi-Agba) de culto aos ancestrais, mas todos eles estão no orun (mundo invisível), desse modo, chega-se ao segundo princípio da cosmovisão africana, a diversidade.

A diversidade é evidente no solo africano, pois nele se percebe várias matrizes culturais. Isto é evidente nas suas várias etnias, e conseqüentemente, nas suas culturas. Por esta diversidade, a filosofia africana valoriza as diferenças, pois não concebe a dessemelhança como sinônimo de desigualdade, mas como riquezas de experiências.

Vale ressaltar que a África a qual se refere é a essência do próprio lugar, que por riqueza gerou inúmeros povos, etnias e culturas. E, sobretudo, se refere a essa

África antes da invasão europeia, que com sua compreensão reducionista, por está embasada na unidade, tentaram, sem sucesso, reduzir inúmeros povos a somente um.

Eduardo Oliveira (2006) apresenta aspectos históricos de três grandes impérios que existiram na África entre o século X e XV: O império de Gana, Mali e Songai, antes da invasão europeia na África. O que caracteriza a sociedade africana é a diversidade entre elas, segundo Oliveira:

Com isso queremos dizer que as comunidades africanas responderam contextualmente às necessidades e características de cada região, tecendo uma variedade muito grande de organização política, jamais impondo um modelo de organização econômico-social, mas admitindo várias expressões organizativas no continente. A cosmovisão africana, com efeito, prima pela diversidade e não pela imposição de modelos únicos. (OLIVEIRA, 2006, p. 40).

A diversidade permite a expressão da singularidade de cada povo, por isso ela é fundamental para o surgimento da vida. Entretanto, isso não quer dizer que as coisas estejam separadas, que assim não se ligam a nada nem a coisa alguma. A ligação acontece devido ao terceiro princípio, a integração.

O conhecimento de matriz africana contempla a todos, pois as coisas estão colocadas na matriz cultural africana por funções. O orixá Exu, por exemplo, conhecido como transportador das oferendas rituais e pela renovação da vida, pode ser utilizado para compreender a integração. Ele é o responsável pela comunicação entre o céu e a terra, e por isso liga todos os elementos. O todo é o universo, ou seja, tudo o que existe está ligado por Exu. De acordo com Eduardo Oliveira (2007, p. 140): “[...], pois ele é o TODO¹ da sabedoria africana e essa sabedoria se expressa não em conceitos de totalidades, mas em expressões de singularidades”.

Com a integração, a diversidade é concebida como uma harmonia no universo, por isso é necessário cultivar a diversidade no todo, porque desejar a diferença é desejar a vida. Portanto, a vida é a palavra dos africanos e este é seu valor supremo.

Os elementos, diversidade e integração, podem ser encontrados nas poesias: Canto dos Orixás e Batuque, estes dois princípios da filosofia africana apresentam a diferença como algo desejado e, desse modo, com a integração se percebe a diferença como uma harmonia.

¹ Grifo do autor.

Canto dos Orixás

Ogunté, Kayá e as senhoras do mar
são as sereias que encantam
os mares de Yemanjá.
Eruya...

Mas são tantos os encantados
que o som dos tambores
dobra ao se chegar.
Ogum na sua luta
pela liberdade de seu povo.

Oxossi (Ode) caça a fartura
de negros e quilombolas famintos.

Ossaim cultiva as folhas
a cura da dor de uma raça
que tem graça e força.

Omulu, o senhor da terra
chora embaixo de seuofilá
o não assentamento nos
Quilombos dos filhos de Yemanjá.

Xangó na sua ira vem buscar
a justiça de nossa gente,
enquanto Oxumaré lança o arco-íris
para iluminar a esperança do amanhã
que tempo deixa rodar e o povo negro a sonhar.

Oyá, Oxum e tantos outros Yabás,
acalentam no seu cantos.

Epa, Epa, Babá, no seu cajado
Vem devagar,
Para que essa justiça não demore a chegar.
(Kaiámiteobó. 1996, p. 106).

Batuque

(Dança afro- tietense)

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor

É todo enfeitado de fitas
Vermelhas pretas amarelas e brancas

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Que evoca bravuras dos nossos avós
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
O toque de reunir
Todos os irmãos

De todas as cores
Sem distinção

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito

Tenho um tambor

É todo enfeitado de fitas
Vermelhas pretas amarelas e brancas

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
O toque de reunir
Todos os irmãos
Dispersos
Jogados em senzalas de dor
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que fala de ódio e de amor
Tambor que bate sons curtos e longos
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
O toque de reunir
Todos os irmãos
De todas as cores

Num quilombo
Num quilombo
Num quilombo

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito

Tenho um tambor

(ASSUMPÇÃO, 1998, p.30).

A partir da leitura das duas poesias se verifica os elementos da diversidade, integração e ancestralidade. Na poesia Canto dos Orixás, verifica-se a diversidade de deuses que são cultuados no candomblé, que é uma atualização da cosmovisão africana no Brasil. Na poesia são citados os vários orixás presentes no candomblé, pois neste existem inúmeras divindades caracterizando a sua diversidade.

Um outro fator na poesia que caracteriza a diversidade são as funções que cada orixá desempenha. Yemanjá, por exemplo, é a rainha do mar, a que encanta o mar, os rios, a dona d' água, a geradora da vida. Ossãiyin, por sua vez, possui como função ser o pai da vegetação.

O eu poético além de cantar os orixás e denunciar a dor de um povo, no canto de Xangô se faz aparecer o grito por afirmação dos direitos dos afrodescendentes, pois ele tem como característica possuir os poderes do fogo, a expansão da vida e a morte. Segundo Marcos Aurélio Luz:

Os poderes do uso do fogo são enormes e ambíguos. Se de um lado ele permite a expansão da vida, ele pode também causar a destruição e a morte. Tais poderes formidáveis do fogo caracterizam Xangô como orixá da justiça. Ele está ligado ao axé do vermelho, que caracteriza expansão ininterrupta de vida no aiyê. (LUZ, 2000, p. 59).

Enquanto, Xangô busca por justiça, Oxumaré representa a multiplicidade da vida, por isso é representado pelo arco-íris. Como mostra a poesia, os orixás são diversos e, por isso, garantem a existência, a vida, porque a diversidade é o princípio da vida.

A poesia *Cantos dos Orixás* apresenta as diferentes maneiras dos orixás serem cultuados e homenageados, mostrando as funções de cada um na dinâmica do culto ao ancestral. E a poetisa canta esse movimento, para chegar há um único fim: a manutenção da existência de todo ser humano, por isso todos devem estar integrados

pela manutenção da vida. E, somente, através da integração ocorre a ligação das diferenças.

No universo do candomblé, que tem como característica a diversidade e a integração das diferenças, não existe preconceito quanto à cor da pele ou a necessidade de casar-se com alguém do candomblé para continuar cultuando seus ancestrais, e não existe uma doutrinação para que as pessoas que freqüentam o terreiro saiam odiando outras manifestações de princípios da vida, segundo a professora, líder comunitária e religiosa Valdina Pinto, “no meu jeito de candomblé, aceito a todos os negros, aqueles que nos atacam que são evangélicos, como também os brancos, que quando falam da raça humana, não falam da raça negra” (2005, p. 81).

Na poesia *Batuque*, o princípio da diversidade também está presente. Esta faz surgir todos e a integração faz a parte se ligar ao todo. Como descreve na poesia: “O toque de reunir / Todos os irmãos/ De todas as cores / Sem distinção”.

A Cosmovisão africana e, conseqüentemente, as filosofias de matrizes africanas é um pensamento que não segrega, mas re-uni. Por essa re-união, o pensamento africano se aproxima do outro, senti a sua dor e se comunica. Desse modo, lhe convoca para se reunir “Num quilombo”, para desfazer as injustiças dos irmãos “jogados em senzalas de dor”.

Na poesia *Batuque* se evidencia os três princípios que caracterizam a cosmovisão africana: a diversidade, integração e a ancestralidade. Esta última pode ser percebida quando o eu poético afirma chamar os seus ancestrais: “Que evoca bravuras dos nossos avós”, e resgata também a luta dos heróis afrodescendentes no Brasil, pois foram bravos contra a opressão o qual foram submetidos. Portanto, com a ancestralidade esse resgate pode ser atualizado. Como afirma Irene Dias de Oliveira (2004, p.119), “Os ancestrais têm a finalidade de garantir e assegurar a identidade e a herança comuns dos povos africanos”.

Através dos três princípios pode-se realizar uma aula de filosofia por meio das poesias afro-brasileiras, por exemplo. E assim, construir o encantamento dos estudantes com a sua tradição e, conseqüentemente, com o mundo. Porque com a filosofia de matrizes africanas na sala de aula o estudante vai sentir e pensar a sua

própria história e, desse modo, se conscientizar que o ensino da mesma é antes de tudo uma atitude ética em direção aos seus ancestrais.

A necessidade da consciência de pertencer a uma tradição se faz necessário para constituir no afrodescendente a sua identidade e assim fortalecer as suas origens. Porque é positivo a pessoa saber que possui uma ancestralidade estabelecida através de lutas e que com todas as adversidades impostas por sistemas políticos e econômicos seus antepassados souberam criar sentidos para enfrentar os obstáculos que encontraram pelo caminho.

A construção da afirmação política do estudante deve ser vista como ponto central do exercício do professor. Uma aula que privilegie o resgate ancestral dos educandos possui como finalidade a atitude afirmativa destes com a sua história étnico-cultural. Todavia, não se deve perder de vista o respeito pelas outras auto-afirmações de identidades, por isso a diversidade é um princípio que deve ser apresentado em sala de aula. Ela, a diversidade, é recorrente no pensamento africano. Assim se verifica no candomblé onde, “[...] são tantos os encantados”. Entretanto, mesmo com vários deuses, tudo está integrado e, com este pensamento, se sustenta a manutenção da sua vida e a do outro, se faz o canto: “Tambor que bate / O toque de reunir / Todos os irmãos / De todas as cores / Sem distinção”.

Referência:

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Batuque**. In: **Cadernos Negros: os melhores poemas** / Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 28 a 30.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Linhagem**. In: **Cadernos Negros: os melhores poemas** / Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p.31.

Kaiámiteobó. **Canto dos Orixás**. In: **Cadernos Negros, 19: Poemas afro-brasileiros**/AL Eleazar Fun.../et al.; RIBEIRO, Esmeralda, BARBOSA, Márcio e CONCEIÇÃO, Sônia Fátima da. (Orgs)/. – São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1996 p.106.

LUZ, Marcos Aurélio de Oliveira. **Agadá: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira**. 2ª Edição. Salvador: Editora EDUFBA, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia Afrodescendente**. 3º. ed. Curitiba: Editora Gráfica popular, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Irene Dias de. **Das Culturas Tradicionais Africanas.** . In: JUNIOR, Vilson Caetano de Souza (Org.). **Nossas Raízes Africanas.** 1 Ed. São Paulo: Centro de Atabaque de Cultura Negra e Teologia, 2004.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. “Saberes e Viveres de Mulher Negra: Makota Valdina”. **REVISTA Palmares: Cultura Afro-Brasileira.** Ano I-Número 2- Dezembro de 2005.